

Cadernos Teologia Pública

Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff

Águeda Bichels

ano VI - número 48 - 2009

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff

Águeda Bichels

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VI – Nº 48 – 2009

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff¹

Águeda Bichels

1 Introdução

“A pessoa humana deve permanecer o objetivo último, deve ser sempre o objetivo e o critério”
(Hans Küng, 2001, p. 54).

O presente trabalho está organizado em três partes.

Na primeira parte, fazemos uma incursão pela vida de Hans Küng com o propósito de conhecer aspectos marcantes em sua formação e que influenciaram sua obra. Seguindo uma linha cronológica, destacamos aspectos importantes de sua vida, sua formação acadêmica, ressaltando suas convicções e as principais obras, tendo em vista uma justificativa da escolha de Hans Küng para esse estudo. Neste transcurso, poderemos entender

um pouco da atualidade de seu pensamento, motivado por uma índole persistente, determinada e ousada.

Na segunda parte, tratamos questões que consideramos relevantes no projeto de Ética Global de Hans Küng. Abordamos os principais conceitos norteadores de seu pensamento: Ethos e Consenso Ético; Paz; Política com responsabilidade e Economia com responsabilidade.

O momento em que vivemos - este ensaiar de um novo paradigma - exige do sujeito que desenvolva características que busquem, antes de mais nada, uma atitude de abertura ao diferente, sem, contudo, perder a própria identidade. E estes conceitos, trabalhados por Hans Küng em suas obras, podem ser uma possibilidade para o caminho de transição entre o paradigma da contemporaneidade e o que está por vir, pois aumentam também o

¹ O presente estudo monográfico é o resultado do trabalho de conclusão de curso, apresentado pela autora para obtenção do bacharelado em teologia – Curso de Teologia do Centro Universitário La Salle de Canoas, RS.

campo da multidisciplinaridade e da tão sonhada transdisciplinaridade.

A terceira parte contempla uma reflexão acerca da convergência entre o pensamento de Leonardo Boff e Hans Küng. A escolha de Leonardo Boff não se deu ao acaso. Buscamos mostrar, apesar das realidades sócio-político-econômica e espacial diferentes – Europa e América Latina – que os dois autores compartilham de pontos comuns.

Na conclusão, buscamos uma reflexão, a modo de síntese, sobre o que foi desenvolvido ao longo do estudo.

2 Hans Küng

Uma melhor compreensão das obras de Hans Küng, seu agir e sua ousadia inteligente exigem conhecer um pouco de sua vida.

2.1 Hans Küng: um olhar sobre sua vida

O pensamento e a obra de um autor estão marcados por inúmeros elementos que os influenciam: forma-

ção intelectual, experiências de vida, outros pensadores, mestres, o contexto histórico, social e cultural no qual viveu. E não menos importantes são as raízes, as origens nas quais estão a família, a infância, o lugar onde a pessoa nasceu, aspectos da natureza, da geografia da região e assim por diante.

Com este sentido de entrarmos em contato com nosso autor é que começamos pelo conhecimento de alguns integrantes de sua família e do lugar onde ele nasceu.

Para Hans Küng, esses aspectos são relevantes quando decidimos conhecer um autor. Como ele mesmo diz:

Outra vez às raízes: a família? Tenho pensado muito se devia estender-me aqui na história familiar, de pouca importância em comparação com a história da Igreja, da teologia e do Concílio que logo haverei de contar. Mas quem pega nas mãos as memórias de um autor, não quer somente saber alguns dados da sua juventude, quer saber quem é essa pessoa, de onde vem, como chegou ao que ela é. Por isso, agora, algo sobre minha família (KÜNG, 2004, p. 36, tradução nossa).²

² Otra vez a las raíces: la familia? He pensado mucho si debía extenderme aquí en la historia familiar, de poca importancia en comparación con la historia de la Iglesia, de la teología y del concilio que luego habré de contar. Pero quien toma en sus manos las memorias de un autor, no quiere enterarse sólo de algunos datos de su juventud, sino saber quién es esta persona, de dónde viene, cómo ha llegado a lo que es. Por eso, ahora, algo sobre mi familia.

Nasceu em Sursee, junto ao lago Sempach, cantão de Lucerna, às margens do Rio Reuss, na Suíça, em 19 de março de 1928. E como ele mesmo cita em suas memórias:

Em Sursee, pois, junto ao lago Sempach, que, antes da batalha, chamava-se Sursee e do qual nasce o curso do nosso pequeno rio, o Sure, em direção ao vale de Sure: nessa pequena cidade, nasci eu no dia 19 de março de 1928, sob o signo de Peixes (KÜNG, 2004, p. 31, tradução nossa).³

Filho de Emma Gut e Hans Küng, irmão de Georg, Rudolf, Marlis, Rita, Margrit, Hildegard e Irene. Cresceu em uma família que realmente tinha a noção do que é viver em família. Ele mesmo define a influência familiar que teve, como primogênito:

No meu caso, que vi a luz de mundo como primogênito aos dois anos de casamento dos meus pais, o Küng-Gut tem sido sempre uma feliz sinergia. O “Küng” só teria re-

sultado um pouco demasiado leve e vitalista: e o “Gut”, sozinho, algo demasiado sério e exigente. Segundo a sabedoria popular, defino meu caráter como colérico-sanguíneo, com uma gota de melancolia, mas sem nada de fleumático (KÜNG, 2004, p. 41, tradução nossa).⁴

E a força transmitida:

E não é ao meu próprio esforço, em qualquer caso, senão à herança recebida desde o nascimento ao que atribuo a capacidade de rendimento e de esforço física e psíquica, não do todo normal, que mais tarde terei de precisar em toda classe de situações e crises. ‘Quando se tem sido o preferido indiscutível da mãe’ – escreve Sigmund Freud- (e eu, pela minha parte, só sei disso pelas minhas irmãs) – ‘se mantém por toda a vida esse sentido de conquista, essa segurança no sucesso, que não poucas vezes traz consigo o sucesso real’ Os sentimentos e afetos para com minha mãe e meu pai serão, sem dúvida, fundamentais para toda minha vida (KÜNG, 2004, p. 41, tradução nossa).⁵

³ En Sursee, pues, junto al lago de Sempach, que antes de la batalla se llamaba Sursee y del que arranca el curso de nuestro pequeño río, el Sure, hacia el valle del Sure: en esa pequeña ciudad nací yo el 19 de marzo de 1928, bajo el signo de Piscis.

⁴ En mi caso, que vi la luz del mundo como primogénito a los dos años de casarse mis padres, el Küng-Gut ha sido siempre una feliz sinergia. El “Küng” solo habría resultado un poco demasiado ligero y vitalista; y el “Gut”, solo, algo demasiado serio y exigente. Según la sabiduría popular, defino mi carácter como colérico-sanguíneo, con una gota de melancolia, pero sin nada de fleumático.

⁵ Y no es a mi propio esfuerzo, en cualquier caso, sino a la herencia recibida desde el nacimiento a lo que atribuyo la capacidad de rendimiento y de esfuerzo física y psíquica, no del todo normal, que más tarde habré de necesitar en toda clase de situaciones y crisis. ‘Cuando se ha sido el preferido indiscutible de la madre’ – escribe Sigmund Freud (y yo, por mi parte, sólo lo sé por mis hermanas) –, ‘se mantiene de por vida ese sentido de con-

Sentimentos estes que o fortaleceram para enfrentar os embates que vieram e que também o ajudaram a dar o real significado de seu nome: atrevido/ ousado.

Hans Küng explicita em suas memórias:

De acordo com o que sigo lendo no dicionário alemão – suíço, de vários volumes, do século XIX, que tem o título em grego de “Idiotikon”, o nome provavelmente deriva como König, e King, do holandês Koning, e do sueco konung., da palavra “kuhn”, que significa atrevido⁶ (KÜNG, 2004, p. 40, tradução nossa).

Sua educação religiosa foi basicamente de natureza medieval e barroca. Como ele mesmo diz em sua biografia:

Uma vida eclesial variada e multicolorida com todos os seus hábitos, usos e costumes: não só, de nenhum modo, obstáculo supérfluo e danoso de tempos remotos, como também substância religiosamente estimável. Nada sinistro, mas sensualmente alegre. Algo assim como nossa igreja paroquial, dedicada ao patrono do povo, São Jorge (KÜNG, 2004, p. 45, tradução nossa).⁷

Estudou seus primeiros anos em St. Geog de Sursee, depois no Colégio Saint Georg, em Lucerna, indo e retornando todos os dias à sua cidade natal.

Iniciou seus estudos de Filosofia em 1948, em Roma, no Colégio Germânico, fundado por Santo Inácio de Loyola, e transformado em Fundação Pontifícia em 1552, pelo Papa Julio III. Integrou-se a ele, o Colégio Húngaro, fundado 12 anos antes, passando a chamar-se Pontificium Collegium Germanicum et Hungaricum. (cf. KÜNG, 2004, p. 71)

Durante o seu período de estudo neste colégio, recebeu fortes influências da pedagogia de estudo desenvolvida por Santo Inácio, e conheceu Karl Rahner, que muito influenciou sua vida, como ele mesmo afirma:

Para que vivemos? “Ad maiorem Dei gloriam”, para a maior glória de Deus: AMDG, o que escrevi no início de cada ano, no começo, na minha agenda. Para lembrar qual é o sentido da vida humana: viver não só para si

quista, esa seguridad en el éxito, que no pocas veces trae consigo el éxito real.’ Los sentimientos y afectos hacia mi madre y mi padre serán, sin duda, fundamentales para toda mi vida.

⁶ Según leo siendo estudiantes del bachillerato en el diccionario de alemán suizo, de varios tomos, del siglo XIX, que tiene el título griego de “Idiotikon”, el nombre probablemente procede al igual que “König”, “King”, “koning” (holandés) o “Konung” (sueco), de la palabra “Kuhn”, atrevido.”

⁷ Una vida eclesial variada y multicolor con todos sus hábitos, usos y costumbres: no sólo, en absoluto, lastre superfluo y dañino de tiempos remotos, sino también substancia religiosamente estimable. Nada tétrico, sino mas bien sensualmente alegre. Algo así como nuestra iglesia parroquial, dedicada al patrón del pueblo, San Jorge.

mesmo, mas para nosso Criador e Aperfeiçoador, Origem e Fim (KÜNG, 2004, p. 71, tradução nossa).⁸

Continua ainda sobre a questão Inaciana:

Esforçar-se em quê? Magis, sempre mais, comportar-se cada vez mais perfeitamente, dirigidos pela meditação da vida, a paixão e a morte de Jesus, seguindo seu modelo e emulando-o. O mandamento central: por amor a Deus, amor ao próximo (KÜNG, 2004, p. 91, tradução nossa).⁹

Existiam muitas regras a serem seguidas no colégio, mas duas eram importantíssimas: STUDIUM PER TOTUM DIEM (estudo por todo o dia); SILENTIUM RELIGIOSIUM (silêncio religioso depois das 21h até as 8h).

Ele terminou seus estudos de licenciatura em Filosofia em 1951, seguindo-se a Teologia em 1955, ambos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Este período foi de suma importância para a formação e introjeção de uma ideia basilar que o acompa-

nhou sempre, resultado também da resistência helvética da qual participara na infância: lutar pela liberdade.

Hans Küng afirma:

Lutar pela liberdade na vida real, lutar por ela no marco da escola e da igreja e também na solidão da minha existência subjetiva, diante de Deus. Trata-se, efetivamente, de uma livre opção original em relação com o homem e o mundo, de uma livre tomada de posição pela realidade em geral (KÜNG, 2004, p. 97, tradução nossa).¹⁰

Continua reforçando a ideia de que a confiança é fundamental para trabalhar estas questões relacionadas à existência humana, como bem se pode perceber de suas fortes palavras:

Sem essa confiança básica, toda fé cristã fica indefinida. Sem confiança vital, não há verdadeira vida./.../ Trata-se de fundamentar conscientemente a existência humana, não só a cristã. Efetivamente, trata-se, justo, da pergunta que se apresenta tanto aos cristãos como aos

⁸ Para qué vivimos? “Ad maiorem Dei gloriam”, para la mayor gloria de Dios: AMDG he escrito cada año, al comienzo, em mi agenda. Para recordar cuál es el sentido de la vida humana: vivir no sólo para uno, sino para nuestro Creador y Perfeccionador, Origen y Fin.

⁹ Esforzarse en qué? Magis, siempre más, comportarse cada vez mas perfectamente, dirigidos por la meditación de la vida, la pasión y la muerte de Jesús, siguiendo su modelo y emulándolo. El mandamiento central: por amor a Dios, amor al prójimo.

¹⁰ Luchar por esa libertad en la vida real, luchar por ella en el marco del colegio y de la iglesia, y también en la soledad de mi existencia subjetiva, frente a frente con Dios. Se trata, efectivamente, de una libre opción original en relación con el hombre y el mundo, de una libre toma de postura por la realidad en general.

não-cristãos ‘antes’ de qualquer leitura da Bíblia: como posso ter um ponto de apoio sólido? Como dizer sim à minha liberdade aberta também ao mal? Como, no meio de todo o sem sentido, afirmar um sentido de toda minha vida de dor? Como dizer sim à realidade do mundo e do homem apesar do seu caráter enigmático e contraditório?

O que de repente me ocorre: que o que me pede é uma opção elementar, a ousadia de confiar! Esta é a exigência: tem a ousadia de dizer Sim! Em lugar de uma desconfiança radical, a ousadia de uma confiança básica, uma confiança básica: em ti mesmo, nos outros, no mundo, na vida, na questionável realidade em geral! E emerge o sentido, se faz claro, sai à luz... (KÜNG, 2004, p. 129-131, tradução nossa).¹¹

Ordenou-se padre em 1954. Em 1955, continuou seus estudos na Sorbonne e depois no Instituto Católico de Paris.

Iniciou, então, a preparação de sua tese de doutorado, conversando com Louis Bouyer, que havia retornado dos Estados Unidos e que se tornou seu orientador. Depois de muitas leituras sobre Lutero, Calvino y Newman, além de Von Balthasar, escolheu falar sobre a justificação. Sua tese doutoral em Teologia, em 1954, foi: “Justificação: A doutrina de Karl Barth: uma reflexão católica”.

E porque este autor? Por ser seu patrício, viver em Basileia e também porque era um dos únicos teólogos luteranos que lutaram decididamente contra os nazistas. Suas ações lhe dão autoridade para servir como exemplo. Depois porque, além de escrever um alemão correíssimo, suas obras são profundas, demonstrando uma genialidade ímpar e uma força incansável no trabalho intelectual.

¹¹ Sin esa confianza básica toda fé cristiana está en ella. Sin confianza vital no hay verdadera vida. /.../ Se trata de fundamentar conscientemente la existencia humana, no sólo la cristiana. Efectivamente, se trata, justo, de la pregunta que se plantea tanto a los cristianos como a los no cristianos “antes” de cualquier lectura de la Biblia: cómo puedo lograr un punto de apoyo sólido?, cómo aceptar mi propio yo con todas sus sombras?, cómo decir sí a mi libertad abierta también al mal?, cómo, en medio de todo el sinsentido, afirmar un sentido de toda mi vida de dolor?, cómo decir sí a la realidad del mundo y del hombre a pesar de su carácter enigmático y contradictorio?

Lo que de pronto se me ocurre: que lo que se me pide es una opción elemental, el arrojo de confiar! Ésa es la exigencia: ten la osadía de decir si! En lugar de una desconfianza radical, el arrojo de una confianza básica en esta realidad ambivalente! En lugar de una desconfianza básica, una confianza básica: en ti mismo, en los demás, en el mundo, en la vida, en la cuestionable realidad en general! Y emerge el sentido, se hace claro, sale la luz.. .

Conforme o que ele mesmo diz sobre o eminente professor Karl Barth:

Não só sua capacidade de formulação das ideias e palavras; sobretudo, sua perfeita arquitetura, que me lembra Tomás de Aquino, mas Barth inspira-se na ‘Institutio’, de Calvino e, sobretudo, na ‘Doutrina da fé’, de Schleiermacher. (KÜNG, 2004, p. 164, tradução nossa).¹²

Mas a escolha de Hans Küng recaiu principalmente porque:

E em tudo isso, um permanente cristocentrismo, que permite uma nova definição da relação entre fé e conhecimento, natureza e graça, criação e salvação. E, a partir desta base radicalmente cristológica, uma reelaboração original até nos detalhes dos grandes contextos. Concretamente seguindo três ideias paralelas (a cada uma se dedica um volume): Primeiro, o Senhor como Servo (o ministério sacerdotal de Jesus Cristo): soberba do homem, sua justificação pela fé apesar de tudo e a convo-

cação da comunidade. Logo, o servo como Senhor (seu ministério real): inércia do homem, sua salvação pelo amor e construção da comunidade. Finalmente, Jesus como testemunha verdadeira (seu ministério profético): a mentira do homem, mas o chamado à esperança e a missão da comunidade (KÜNG, 2004, p. 164-165, tradução nossa).¹³

Na realidade, Barth, em sua obra, apresenta a humanidade de Deus e do ser humano à luz da encarnação de Deus em Cristo.

Esta sua tese despertou em Hans Küng ideias referentes às questões pelas quais ainda hoje está lutando: que as diferenças existentes entre as igrejas não eram fundamentais para uma divisão.

De 1957 a 1959, foi nomeado coadjutor na paróquia Hofkirche, em Lucerna, dedicando-se ao trabalho pastoral, especialmente, com jovens. E sempre aproveitou a passagem de seus colegas do Colégio Germanicum

¹² No sólo su capacidad de formulación de ideas y palabras; sobre todo, su lograda arquitectura, que a mí me recuerda a Tomás de Aquino, pero para la que Barth se inspira sobre todo en la ‘Institutio’ de Calvino y sobre todo en la ‘Doctrina de la fé’ de Schleiermacher.

¹³ “Y em todo ello un permanente cristocentrismo, que permite una nueva definición, ya hace tiempo echada de menos por mí, de la relación entre fé y conocimiento, naturaleza y gracia, creación y salvación. Y a partir de esta base radicalmente cristológica, una reelaboración original hasta en los detalles de los grandes contextos. En concreto siguiendo tres ideas paralelas (a cada una se dedica un volumen): Primero, el Señor como siervo (el ministerio sacerdotal de Jesucristo): soberbia del hombre, su justificación por la fe a pesar de todo y la convocación de la comunidad. Luego, el siervo como Señor (su ministerio real): inercia del hombre, su salvación por el amor y construcción de la comunidad. Finalmente, Jesús como testigo verdadero (su ministerio profético): la mentira del hombre, pero llamado a la esperanza, y la misión de la comunidad.

para organizar eventos e aprimorar a formação de seus paroquianos na direção do ecumenismo.

De 1960 até 1980, viveu a experiência de professor de Teologia Fundamental e Dogmática na Universidade Eberhard Karls, em Tübingen, Alemanha. Sempre foi muito aclamado por seus alunos que vinham de longe para assistir a seus seminários, lembrando os primórdios das universidades, quando os estudantes escolhiam seus mestres e acompanhavam-nos em sua jornada.

Uma de suas ações que ficaram marcadas na universidade foi o fato de ter indicado a contratação de um colega seu, eminente exegeta, professor padre Joseph Ratzinger, para integrar o corpo docente da Faculdade de Teologia. Mal sabia ele que surpresa o tempo traria... ou o futuro lhe apresentaria.

Durante este período, mais precisamente em 1962, foi escolhido perito pelo Papa João XXIII como consultor Teológico para o Concílio Vaticano II. Essa experiência levou-o a conhecer a estrutura interna do Vaticano e a desenvolver um forte tino estratégico que muito o auxiliou na conversa com o diferente.

Após lançar seu livro sobre uma questão muito controvertida “Infalibilidade? Um Inquérito”, que trata de uma reflexão, iniciada no final dos anos 1960, rejeitando o dogma de infalibilidade papal, perdeu a *lincencia do-*

cendi, ou seja, a licença oficial que a Igreja Católica, Apostólica, Romana concede para aqueles que lecionam Teologia em seu nome, em 18 de dezembro de 1979. Este episódio renovou as forças da luta pela liberdade e permitiu ao cristão católico continuar sendo ele mesmo.

A universidade, tomada de assalto, ferida em sua autonomia, sentindo que iria perder um de seus maiores doutores, criou o Instituto de Estudos Ecumênicos, de Tübinguen, juridicamente independente, para que o professor e sua equipe pudessem continuar trabalhando.

Hans Küng continuou sua luta, e, em 1984, lançou a palavra de ordem “sem Paz entre as religiões, não haverá paz no mundo”, e esta questão foi discutida em 1989, num Colóquio da UNESCO, em Paris.

Ainda no Instituto, no decorrer dos anos 1990, iniciou um projeto intitulado *Weltethos*, “Ética Mundial”. Desenvolve estas ideias em seu livro *Projeto de Ética Mundial*, que teve enorme repercussão, tendo sido traduzido para cerca de dez idiomas. Este projeto é uma tentativa de demonstrar o que as religiões do mundo têm em comum, mais do que aquilo que as separa.

Em 1996, aposentou-se no Instituto de Estudos Ecumênicos de Tubinguen, mas continuou com seu trabalho.

Em 1999, o Conde e a Condessa von der Groeben criaram a Fundação *Weltethos*, da qual o eminente pro-

fessor se tornou presidente, podendo, assim, dedicar-se inteiramente ao seu trabalho, o que possibilitou a propagação de suas ideias em todo o mundo, inclusive a organização de eventos sobre as religiões, além de uma série de sete filmes sobre as diversas religiões em conjunto com a televisão alemã. Essa obra está sendo disponibilizada em português.

Em setembro de 2005, Hans Küng e o Papa Bento XVI causaram surpresa, encontrando-se para jantar e discutir Teologia.

E em outubro de 2007, mais precisamente no dia 22, ele esteve na UNISINOS, em São Leopoldo, abordando questões como: “As religiões e a Ética Mundial e Religiões”, “Teologia e Ética”. E no dia 23, no Instituto Goethe, em Porto Alegre, palestrou sobre a “As Religiões e a Ciência”. A participação nestes dois eventos foi uma experiência muito enriquecedora, inclusive servindo como um estímulo pessoal para a continuidade deste estudo e para uma melhor percepção da importância do projeto de ética de Hans Küng. Suas afirmações em muito ajudaram para a realização deste trabalho.

No momento em que está sendo elaborado este estudo monográfico, na Alemanha, é lançada sua terceira biografia, composta de três volumes, mais de mil páginas.

2.2 Principais obras

Hans Küng, como eminente autor e escritor, publicou mais de 80 livros. Destacaremos alguns aspectos daquelas obras que consideramos como as mais significativas para atingir o objetivo desse trabalho.

Em 1970, lança um livro intitulado *Infalibilidade? Um Inquérito*, que trata de uma reflexão, iniciada no final dos anos 1960, rejeitando o dogma de infalibilidade papal.

Em 1974, vem a lume *Ser Cristão*.

Em 1975, sai sua obra *20 teses sobre o ser Cristão*. O autor tenta condensar o que pensa de mais importante sobre como ser cristão nesta época, vivendo Cristo e sua mensagem na prática. São teses, no verdadeiro sentido da palavra, fornecendo-nos subsídios concretos para o estudo da fé cristã.

Em 1984, publica *O Cristianismo e as grandes religiões*.

Em 1987, edita *Por que Ainda Ser Cristão Hoje?* No qual apresenta, de forma clara e apaixonante, o depoimento de um padre católico, que, desde a década de 1960, questiona as doutrinas tradicionais da Igreja. Apesar das críticas e preocupações, o teólogo acredita na história e na tradição, que ele aceita e abraça, sem confundir

a grande causa cristã com as atuais e anacrônicas estruturas da Igreja. É um relato esperançoso de um homem que, aos 76 anos, ainda acredita no Cristianismo e em seu significado. O livro apresenta Jesus de Nazaré, o Cristo, como a essência do Cristianismo. E ser cristão é orientar-se por esse Jesus Cristo em sua caminhada individual. Embora fiel às teses que sempre defendeu em seu ministério - pregação do ecumenismo, eucaristia partilhada, acolhimento a homossexuais, maior participação das mulheres na Igreja - Hans Küng permanece na Igreja Católica, Apostólica, Romana, convicto de que pode contribuir para que ela se modernize e vá ao encontro das necessidades dos fiéis.

Em seguida, outro livro chega ao público, *Teologia a Caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. Hans Küng, no prefácio, dá o tom principal: “O desafio para mim foi repensar a própria mensagem cristã em face do horizonte das experiências humanas de nosso tempo, em constante mutação”. Então {...} “Sem dúvida, este livro é o resultado de todo um caminho teológico” (KÜNG, 1999, p. 11). O autor parte do conceito de pós-modernidade, como conceito heurístico, uma palavra “de busca”. Nesse novo contexto de mudança histórica de paradigma, é que uma nova sensibilidade religiosa surge, e em grande parte, fora das religiões e Igrejas insti-

tucionalizadas, não podendo a religião continuar a mesma. Na primeira parte desta obra, Küng aborda os conflitos clássicos que são arrastados desde a Reforma, convencido de que só a superação deles permitirá ver novas “perspectivas para o futuro”, que ele desenvolve na segunda parte de seu livro para concluir na terceira parte com a grande proposta e sonho que é a “caminhada rumo a uma teologia das grandes religiões”, partindo do ecumenismo cristão. (cf. KÜNG, 1999, p. 27).

Em 1987, em agradecimento à Associação Americana de Psiquiatria, pelo Prêmio Oscar Pfister 1986, publica o livro *Freud e a questão da Religião*, no qual aborda as questões sobre o discutido ateísmo de Freud e sobre as consequências de suas teorias a respeito da religião na atual prática psicanalítica. Afinal, Freud sempre foi ateu? O que é religião para ele? Como outros psicanalistas reagiram a suas teorias? Hoje elas ainda possuem fundamento ou já ficaram ultrapassadas? Ele analisa o ateísmo do pai da psicanálise e procura explicações para ele, passando pela infância de Freud e seu convívio com a família e com os ritos judaicos, até seus estudos de fisiologia e sua teoria psicanalítica. Além de Freud, Küng também analisa a religião em outros autores que viriam a discordar das ideias freudianas, como Adler (cf. KÜNG, 2006, p. 50), Jung (cf. KÜNG, 2006, p. 51), Fromm (cf.

KÜNG, 2006, p. 90) e Frankl (cf. KÜNG, 2006, p. 91). Como cristão, Küng reage contra a repressão à religião realizada pela psicologia e procura reconciliar essas duas áreas. Conclui que teólogos têm muito a aprender com psicólogos e vice-versa - e ambos podem colaborar para que o homem moderno encontre um novo sentido espiritual para a vida.

Em 1990, sai o seu livro *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*.

Em 1993, publica, juntamente com Helmut Schmidt, *Uma ética mundial e responsabilidades Globais*. Esta obra contempla as ideias de que jamais progrediremos humanamente, se não reconhecermos que os DIREITOS HUMANOS não podem existir sem RESPONSABILIDADES HUMANAS. Eles formam uma moeda, a única moeda universal que nos protegerá das guerras civis, da exploração humana, da miséria, do desastre econômico e fortalecerá os direitos, para não falar da confiança, da felicidade e do pensamento humano. Este texto, que corrige uma forma de pensar, deveria ser adotado por todas as instituições no mundo livre, ensinado em todas as escolas e introduzido em toda sociedade de exclusão. Pode servir como medida para o processo civilizatório da humanidade.

Em 1998, lança *Para que um Ethos Mundial? Religião e Ética em Tempos de Globalização*. Neste livro, o autor, teólogo e presidente da Fundação Weltethos, em entrevista com Jürgen Hoeren, diretor da seção Kulturelles Wort/Aktuelle Kultur, apresenta a visão de um novo paradigma de relações internacionais que toma em consideração os novos agentes da conjuntura global, e propõe ideias concretas para o futuro das religiões e da humanidade. Aos cientistas políticos que prevêm, para o século XXI, um “choque de civilizações”, opõe uma visão de esperança realista: as religiões e as culturas do mundo podem, em colaboração com todos os homens de boa vontade, ajudar a evitar a colisão anunciada.

Em 1997, vem a lume *Uma Ética Global para a política e a economia mundiais*. O autor apresenta, neste livro, a maneira como a política e a economia mundiais necessitam de uma orientação ética básica com que todos se sintam comprometidos. Não é com receitas acabadas, mas aplicando o Projeto Ethos Mundial à realidade da política e da economia. Com suas próprias palavras:

O que o livro pretende é isto: Diante da crise de orientação social nesta virada do milênio, desejamos aqui, num diálogo receptivo com a ciência política e econômica, ter a ousadia de buscar uma orientação básica sob a forma

de uma visão realista ou de uma visão de conjunto, que tente divisar os contornos de um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano. (KÜNG, 1999, p. 18)

E, em 2002, edita *A Igreja Católica*, no qual descreve a trajetória da Igreja que se tornou a mais poderosa representante do Cristianismo, desde as suas origens na Palestina e em Roma, passando por diversas disputas no período medieval e pelo trauma da reforma até a Era Moderna. Examina questões fundamentais, como a tensão histórica na Igreja entre pluralismo e exclusivismo; a mudança do papel do Papa; a evolução das funções nos concílios, dos bispos e cardeais; a história do entusiasmo missionário da Igreja; as ondas do choque da Reforma e da Contra-Reforma. O livro termina com uma avaliação rigorosa de como a fé católica enfrenta certos aspectos do novo milênio: avanços da ciência, conquistas sociais das mulheres, liberação sexual, etc.

Ainda em 2002, publica o livro *Mulheres no Cristianismo*, no qual Hans Küng descreve como a história da mulher no Cristianismo evoluiu, desde o início dos tempos, passando pela Idade Média, pela Reforma e chegando até nossos dias. Aponta que, na Igreja primitiva, as mulheres eram também discípulas e, muitas vezes, profetisas, e que foi só na Idade Média que elas começaram a ser deslocadas para papéis secundários. Outrossim, ana-

lisa as mudanças paradigmáticas pelas quais a Igreja pode passar se não ousar olhar para o papel da mulher na atualidade, na evolução da humanidade.

Em 2004, lança *Religiões do mundo em busca de pontos comuns*, em que aborda que “Não haverá paz entre as nações, se não houver paz entre as religiões” (KÜNG, 2004, p. 17). Essa é tese básica deste livro. E nada mais oportuno e atual do que esse tema, tratado por um teólogo de renome, conhecedor profundo não só da própria religião – a Católica Romana –, mas também das outras, sobre as quais faz exposições precisas, analisando-as com imparcialidade e, sobretudo, com enorme respeito. Começando pelas religiões tribais, Hans Küng delinea o panorama das religiões todas: o Hinduísmo, as Religiões Chinesas, o Budismo, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, destacando suas características, seu desenvolvimento de acordo com as circunstâncias políticas e sociais, apontando suas idiossincrasias, mas, principalmente, realçando seus pontos comuns e o padrão ético subjacente a todas elas. É obra de um mestre. E, embora densa, consistente, profunda, é, ao mesmo tempo, simples, leve, interessante e bem ao alcance de qualquer pessoa que traga dentro de si o desejo de buscar uma vida interior mais rica, engajada num mundo de diferenças e de semelhanças. Sem dúvida alguma, é uma

obra que alcança o objetivo a que se propõe: ver no mundo a possibilidade de plantar a paz entre as pessoas, entre as religiões, entre as nações, em busca de uma ética mundial, de um etos universal.

Em 2005, é lançada mais uma obra: *O Princípio de todas as coisas*. Mais do que qualquer outro grande pensador de nosso tempo, Hans Küng é favorável à ligação entre a razão e a fé cristã. Isso é de extrema importância no terreno onde a ciência e a religião se entrecruzam, ocupando-se de perguntas como estas: É possível agir e pensar racionalmente quando se tem uma enorme fé cristã? Por que existe alguma coisa, e não o nada? Qual a origem do mundo e do homem? Deus como o princípio? Criação ou evolução? Será tudo obra do acaso? O livre-arbítrio é uma ilusão? Na atmosfera da ciência e da religião, esse, que é o grande lapso que se busca entender e colocar em prática, seria um grande trunfo nas mãos do indivíduo contemporâneo. Neste livro, encontram-se as respostas dadas pela ciência natural, pela filosofia e pela religião, pois, segundo o autor, somente unidas é que ciência e religião podem dar resposta à questão sobre o que mantém o mundo interiormente unido.

O conteúdo do principal livro para este pequeno estudo, *Uma Ética Global para a política e a economia mundiais*, estará melhor detalhado no capítulo 3.

3 O projeto de ética global de Hans Küng

Hans Küng, em sua importante obra *Uma Ética Global para a Política e a Economia Mundial* versa sobre significativas questões como: A existência de uma política econômica entre o Estado do bem-estar social e o capitalismo puro? Que papel as religiões desempenham nas atuais crises e conflitos? E como poderá tornar-se realidade de uma consciência ética mundial (KÜNG, 1999, 475 p.).

Küng reforça a ideia de que deve existir a autonomia moral e a responsabilidade consciente própria do indivíduo, à qual estão ligados direitos e deveres elementares (1999, p. 185).

3.1 Conceitos norteadores

A seguir serão desenvolvidos os principais conceitos trabalhados por ele em sua obra.

3.1.1 Ethos e consenso ético

No seu capítulo sobre “O Ethos Mundial como base para a sociedade mundial” Hans Küng, como o próprio título sugere, parte da realidade da diversidade que sempre existiu entre as nações, culturas e religiões, parecendo bastante estranho, o que ele mesmo nota, falar em

“ethos mundial” diante das tendências e correntes atuais para a autoafirmação cultural, linguística e religiosa.

Ele afirma:

Ethos, palavra usada no alemão e no inglês [e aportuguesada para “etos”], significa a atitude moral básica de uma pessoa ou grupo, ao passo que ‘ética’ – se bem que às vezes não se faça uma distinção muito clara – significa a doutrina (filosófica ou teológica) dos valores, normas e atitudes morais. (KÜNG, 1999, p. 169).

Encontramos, no capítulo IV, em especial na primeira parte, o tratamento que Hans Küng dá ao ethos mundial como base para a sociedade mundial (KÜNG, 1999, p. 166-274).

O autor inicia esse capítulo introduzindo o “consenso ético – um entendimento e concordância concernente a determinados valores, normas, atitudes – como base para a sociedade mundial” (KÜNG, 1999, p. 166).

Aquilo que constitui a maior dificuldade é, ao mesmo tempo, o mais angustiante apelo, o argumento de peso da necessidade de um consenso ético básico.

O autor observa que vivemos numa época e num mundo onde as relações entre as religiões são bloqueadas por *dogmatismos* de toda espécie, isto presente tanto na Igreja católica romana como em todas as igrejas e religiões e também nas ideologias modernas.

É diante deste desafio que Hans Küng responde: “*Não haverá uma nova ordem mundial sem um novo ethos mundial*, um ethos global ou planetário não obstante todas as diferenças dogmáticas” (KÜNG, 1999, p. 168).

Qual seria a função desse tal ethos mundial? O importante é saber que esse ethos mundial não seria uma nova ideologia ou superestrutura por cima das diferentes religiões e filosofias, não vem a substituir a Torah, o Sermão da Montanha, os discursos de Buda etc. Não pretende ser uma religião única mundial nem uma cultura mundial única.

Cabe aqui citar, com as palavras do próprio autor, o seu entendimento por ethos mundial:

Ou, dito de uma forma positiva: *O ethos global*, um *ethos* para o mundo inteiro, é nada mais nada menos que o *mínimo necessário de valores, normas e atitudes básicas humanas comuns*. Ou, mais precisamente: *O ethos mundial é o consenso básico referente aos valores vinculantes, às normas e valores básicos irrevogáveis, que pode ser afirmado por todas as religiões* não obstante suas diferenças dogmáticas, ou que pode ser aceito até mesmo pelos *não-crentes* (KÜNG, 1999, p. 168).

O que quer dizer ao referir-se ao mínimo necessário? E quais seriam esses valores comuns para todos?

Aqui estamos diante da questão do que significa validade universal. Kung, neste ponto, faz referência à verdade e à justiça, valores que quando por algum motivo aparecem em jogo no cenário mundial: sendo violentados por uns e exigidos por outros, rapidamente, as massas humanas identificam-se solidariamente em qualquer lugar do mundo, tomando parte nesses acontecimentos. Não importa aqui as diferenças culturais, religiosas, o que interessa é que estão em jogo valores elementares que são comuns a todos os seres humanos.

Apoia-se no conceito de “núcleo da moral” de Michael Walzer¹⁴, que desenvolve a ideia de que existe todo um feixe de padrões éticos elementares, dos quais fazem parte o direito fundamental à vida, ao justo tratamento (também por parte do Estado), à integridade corporal e psíquica. E isto é chamado por Walzer como “moral mínima” ou um “minimalismo moral”. (cfr. p. 172).

O que ele pretende dizer são conceitos morais que possuem um mínimo de significado e que são reproduzidos por meio de uma descrição “fina”: uma moral “fina”, portanto, que nas diversas culturas, evidentemente enriquecida em conteúdo, reaparece como uma moral “gros-

sa”, para a qual as múltiplas maneiras concorrem, segundo o tempo e o lugar, todas as possíveis visões históricas, culturais, religiosas e políticas (KÜNG, 1999, p. 173).

No tocante à *moral elementar* (“fina”), que se limita a um pequeno número de exigências fundamentais, um *consenso global é possível*, aquilo ao qual não se poderá nunca renunciar, exigências de uma moral pura, estimuladas no mundo inteiro: verdade e justiça. Já no tocante à *moral culturalmente diferenciada* (“grosseira”) que possui muitos elementos culturais específicos, o *consenso não é necessário*.

Kung prefere evitar os termos “minimoral” ou “moral mínima” ou “minimalismo moral”, que podem conter certo sentido depreciativo, e insistir na ideia de que se trata de um mínimo de consenso, ou seja, do indispensável consenso elementar da sociedade.

Consenso ético quer dizer a concordância nos padrões éticos fundamentais que é necessária para a sociedade pluralista de hoje, que, apesar de todas as diferenças de orientação política, social ou religiosa, pode servir como a *base mais reduzida possível para a convivência humana e o agir comum* (KÜNG, 1999, p. 176).

¹⁴ Professor de Ciências Sociais em Princeton. Publicou um livro intitulado “Esferas da Justiça”, no começo dos anos 80, em defesa do pluralismo e da igualdade. Na obra “Thick and Thin” [“Grosso e fino”], ele chama atenção para o fato do “elemento universal” “na percepção dos conflitos políticos”.

Continuando, o autor dá sequência ao seu pensamento sobre o consenso ético, “o qual não seria um consenso ético total, mas sim devido à diversidade mundial, um consenso ético mínimo” (KÜNG, 1999, p. 170).

O eminente professor Küng realça a importância de que a economia e a política mundiais necessitam de uma orientação básica para que todos se sintam comprometidos, e essa é sua orientação básica para um mundo mais pacífico e mais humano (1999, p. 166-168).

Analisa que nem só de direitos vive o ser humano, mas também de deveres, onde é impelido ao agir moral (KÜNG, 1999, p. 181).

Ressalta a importância de se fazer uma distinção entre os deveres jurídicos e éticos, pois isso implica diretamente na efetivação dos direitos humanos:

Os homens possuem direitos fundamentais, como estão formulados nas declarações dos direitos humanos. A eles correspondem os deveres, tanto do Estado como dos cidadãos individuais, de respeitar e proteger estes direitos: São os deveres jurídicos. Aqui nos encontramos no *plano do direito*, da lei, dos artigos, da justiça, da polícia... Mas os homens possuem, ao mesmo tempo, deveres originais, que são dados com o fato de serem pessoas humanas, e que não se fundamentam em determinados direitos: São deveres éticos não juridicamente fixados. Aqui nos encontramos no *plano da consciência*

ética, da moral, da consciência, do “coração”... (KÜNG, 1999, p. 184).

Após estas colocações, conclui-se que antes de qualquer imposição de deveres, deve existir a autonomia moral e a responsabilidade consciente própria do indivíduo, à qual estão ligados direitos e deveres elementares. (KÜNG, 1999, p. 185).

Utiliza o brocado latino “Quid leges sine moribus?” (KÜNG, 1999, p. 187), para exemplificar suas ideias anteriores, pois, de que servem as leis se não forem secundadas pelos costumes, uma intenção moral, um dever de consciência?

Continuando suas reflexões, passa a efetuar uma primeira formulação do ethos mundial, como:

Ethos mundial não quer dizer nenhuma nova ideologia do mundo, muito menos uma religião mundial unificada para além de todas as religiões existentes, e menos ainda a dominação de uma religião sobre todas as demais. Ethos mundial, como ficou explicado, quer dizer o consenso básico referente aos valores vinculantes, às normas inalteráveis e às atitudes pessoais básicas, consenso sem o qual toda sociedade, mais cedo ou mais tarde, passa a estar ameaçada por uma situação de anarquia ou por uma nova ditadura. É de se esperar agora, no entanto, que, ao ocupar-me com um consenso ético básico, eu não permaneça em palavras programáticas e

genéricas (verdade, justiça, humanitarismo) ou na “regra áurea” (KÜNG, 1999, p. 188-189).

Hans Küng apresenta uma preocupação comum: a questão do agir ético do ser humano e suas consequências na sociedade, principalmente no que tange às relações interpessoais, interpenetradas pela política e pela economia, religando à ecologia. Quais seriam os critérios para ser concretizado o ethos mundial? Pensando numa declaração formal do ethos mundial, Küng ressalta os seguintes critérios que não poderiam faltar: ser realista, avançar para o plano ético mais profundo, ser compreensível para todos e poder ser objeto de consenso.

Ser realista tem a ver com o ponto de partida, o mundo visto com realismo, partir sempre da situação de fato para chegar à situação que se deseja. Em geral deve-se começar por determinadas experiências negativas: “O que é verdadeiramente humano nem sempre é fácil de ser definido, o que é realmente desumano, para isso, todo mundo tem inúmeros exemplos na ponta da língua” (KÜNG, 1999, p. 192)

Avançar no plano ético mais profundo tem a ver com o plano dos valores vinculantes, das normas inalteráveis e das atitudes interiores básicas. Dito de outra forma, a concretização do ethos mundial não pode ficar presa aos planos jurídicos das leis ou direitos codificados ou

artigos exigíveis assim como também não pode prender-se ao plano das propostas políticas.

Há de ser compreensível para todos, ou seja, evitando os argumentos técnicos e jargão científico. A linguagem deve ser compreendida pelo leitor médio, aquele que lê jornais e como possibilidade de ser traduzida para outras línguas.

Por último, poder ser objeto de consenso, não visando uma unanimidade numérica, mas sim uma concordância moral. Motivo pelo qual devem ser evitadas as declarações que, sabe-se, seriam rejeitadas por determinadas tradições religiosas ou éticas, ou aquelas condenações que possam ser ofensas a sentimentos religiosos.

Qual seria o núcleo desse ethos global? Em face de todas as desumanidades, nossas convicções religiosas e éticas exigem: Todo ser humano tem que ser tratado humanamente! Isto significa que todo ser humano, sem distinção de idade, sexo, raça, cor, capacidade corporal ou espiritual, língua, religião, convicção política, origem nacional ou social, possui uma inalienável e intocável dignidade.

Na base de uma consciência ética mundial, existem dois princípios básicos:

Todo ser humano deve ser tratado humanamente!

O que queres que te façam, faze tu também aos outros.

Estes dois princípios devem ser a norma inalterável e incondicional para todas as esferas da vida, para famílias e comunidades, para raças, nações e religiões. Baseadas neles são também afirmadas pelo InterAction Council quatro inalteráveis instruções com as quais todas as religiões concordam /.../: ~ a obrigação de uma cultura da não-violência e do respeito a toda vida: a antiquíssima diretriz básica: Não matarás! Ou, expresso de uma maneira positiva: Respeito diante da vida!; ~ a obrigação de uma cultura da solidariedade e de uma ordem econômica justa: a antiquíssima diretiva: Não furtarás! Ou de uma forma positiva: Age com justiça e lisura!; ~ a obrigação de uma cultura da tolerância e de uma vida na sinceridade: a antiquíssima diretiva: Não mentirás! Ou positivamente: Fala e age com sinceridade!; ~ a obrigação de uma cultura de iguais direitos e parceria de homem e mulher: a antiquíssima diretiva: Não cometerás adultério! Ou positivamente: Respeitai-vos e amai-vos uns aos outros! (KÜNG, 1999, p. 198-199).

Antes de concluir este item no qual foi exposta a ideia do *ethos* mundial, a viabilidade do mesmo, quais seriam seus conteúdos e seu núcleo, uma palavra sobre a veracidade e a sua obrigação. A veracidade em todas as ordens das atividades humanas: nos meios de comunicação de massa, na arte, literatura e ciência, no mundo da política, nos representantes das religiões, daí a importância de exercitar os jovens na veracidade no pensar, falar e

agir. Todo ser humano tem direito à verdade e à veracidade. Para isso, necessita de uma orientação ética básica, sem a qual não poderá distinguir o que é importante.

No espírito de nossas grandes tradições religiosas e éticas, ser verdadeiramente ser humano significa o seguinte: fazer valer a verdade, cultivar o espírito da veracidade, sempre de novo buscar a verdade, com persistência e confiabilidade, servir à verdade uma vez conhecida (cf. KÜNG, 1999, p. 202).

Interpretando isso poderíamos dizer que, amparada nos princípios especulativos da *ética*, a *moral* busca efetivar deveres ou obrigações práticas para o agir.

3.1.2 Paz

Dentro do Projeto de Ética Global proposto por Hans Küng, a paz aparece, fundamentalmente, como um desafio para as religiões. No pensamento crítico de nosso autor, na sua leitura dos fatos históricos, ele não encobre a grande responsabilidade por parte das religiões, especialmente as três proféticas, particularmente agressivas, dos mais sérios conflitos entre as civilizações, ele chega a citá-las como as “grandes perturbadoras da paz no mundo”.

Basta um olhar atento sobre nosso planisfério para encontrar rapidamente esses focos atuais de conflito, em

geral com uma história de séculos de inimizades, que têm por detrás alguma religião que sustenta com suas crenças atos de violência, autoritarismos, ódios que legitimam as guerras e crueldades entre os povos. Por citar alguns desses tristes exemplos: a guerra civil na antiga Iugoslávia, as lutas entre cristãos e muçulmanos nas Filipinas, o conflito no Oriente Médio com intermináveis guerras entre israelenses e árabes.

Por outro lado, temos os exemplos nefastos dos atos de terrorismo de muçulmanos fundamentalistas na Europa, no Oriente Médio e na América. Assim como os violentos regimes autoritários islâmicos estabelecidos no Irã, no Sudão e no Afeganistão. Lamentavelmente, esses não passam de ser exemplos, já que a realidade é mais abundante ainda de situações similares onde o denominador comum é o choque das civilizações, tendo geralmente presente alguma religião que ainda incrementa mais a rivalidade.

Mesmo sendo essa a realidade que nos circunda, Hans Küng discorda com posturas como a de Samuel P. Huntington¹⁵, cuja hipótese central é que as guerras na

nova era da história mundial haveriam de ser, sobretudo, guerras das civilizações, marcadas pelas religiões.

Huntington certamente não está errado ao prognosticar que numa visão realista *também no futuro deve-se contar com conflitos condicionados pela cultura*: ‘Os conflitos mais importantes do futuro haverão de irromper ao longo das linhas de ruptura cultural que separam as civilizações umas das outras’. Por quê? Não somente por razões ‘geopolíticas’: porque o mundo está se tornando cada vez mais pequeno, porque as interações entre os homens de civilizações diversas estão se tornando cada vez mais numerosas e a importância dos blocos econômicos regionais cada vez maior. Mas também, de acordo com Huntington, sobretudo por *razões de política cultural e religiosa* (KÜNG, 1999, p. 208-209).

Mas, o que Hans Küng enfatizará, que não compartilha, é o fatalismo de Huntington ao dizer que uma luta das culturas e religiões é inevitável, e sua tentativa de dar continuidade ao domínio do Ocidente euro-americano sobre o atlas geográfico.

Para o teólogo que apresenta a paz no mundo como um desafio para as religiões, é importante encontrar em

¹⁵ Diretor do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade de Harvard, autor do livro “The Clash of Civilizations”, Nova Iorque, 1996, que, em 1993, lançou como um ensaio “The Clash of Civilizations?”, para três anos mais tarde editar como uma teoria já comprovada e sem ponto de interrogação.

analistas políticos, o assunto das religiões. Ver como eles abordam o tema, como se faz presente no pensamento dos que hoje analisam a situação global, política e econômica, daqueles que se preocupam pela geopolítica, movidos pelos interesses de poder. Daí o interesse de Küng pelo assunto desenvolvido no livro “The Clash of Civilizations”.

Hans Küng afirma:

Mas para as disputas territoriais, para a concorrência econômica e para os interesses de poder de toda espécie, as *diferenças e rivalidades étnico-religiosas*, embora não constituam o paradigma ou sistema de referência universal, constituem, no entanto, as estruturas ocultas a partir das quais os conflitos políticos, econômicos e militares sempre podem ser justificados, inspirados e dramatizados, mas também atenuados e pacificados. As civilizações ou – falando com mais clareza – as *religiões* não formam, portanto, a dimensão superficial de todos os conflitos, que pudesse facilmente ser equacionada, mas sim a *dimensão de profundidade*, que nunca pode ser desprezada, de muitos antagonismos e conflitos entre povos e nações, e freqüentes vezes mais intensamente ainda no interior das nações, nas cidades, escolas e famílias (KÜNG, 1999, p. 211).

Hans Küng tenta desmascarar o novo modelo de terror ao qual muitos estrategistas militares necessitam e que chamam de *choque global*.

Ao tempo que propõe sua visão de futuro para a humanidade, uma visão de paz global entre as religiões, como ele diz: que deve ser buscada com todas as forças, e que ela seja o pressuposto e o fator impulsionador de uma paz global entre as nações. O modelo para o futuro não é a luta das culturas, mas sim a cooperação entre as culturas.

3.1.3 Política com responsabilidade

O objetivo desta obra de Hans Küng, como ele mesmo expressa em uma parte dela, é redescobrir e revalorizar a consciência ética na política e na economia. Num contexto de virada de milênio, diante da crise de orientação social, a proposta de tentar chegar, através de um diálogo receptivo com a ciência política e econômica, a encontrar uma orientação básica sob a forma de uma visão realista ou de conjunto, que projete os contornos de um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano (cf. KÜNG, 1999, p. 18).

Sendo esse o fim do livro do nosso autor, nesta parte de nosso trabalho, queremos deter-nos um pouco nestes conceitos que ele desenvolve sob o aspecto da responsabilidade: a política e a economia, para compreender um pouco mais sobre como Hans Küng visualiza a aplicação da sua proposta do ethos mundial.

Ou seja, nosso objetivo será analisar estes aspectos só para aprofundar no conceito central do ethos mundial, já que a análise que realiza o autor é bem mais ampla e aprofundada.

Depois de realizar uma análise das diferentes políticas que se estabeleceram no decorrer dos últimos tempos, fala de um novo paradigma da política, não na pretensão de apresentar uma teoria das relações internacionais nos mínimos detalhes, tarefa que não corresponderia a sua missão de teólogo, mas sim no sentido de insistir na necessidade de um novo paradigma que tenha uma sóbria defesa dos interesses e uma orientação ética básica.

Essa nova política global não pode ser realizada sem uma nova ética global.

Na época pós-moderna, globalizada, os fatores mais importantes do poder são a força econômica e as reservas, onde a situação geopolítica de um país, junto à habilidade diplomática de suas lideranças políticas, tem um papel a desempenhar, o qual atinge diretamente a questão dos “interesses” que sempre se fala na política.

O que mais importa é encontrar um equilíbrio de interesses, sendo hoje fundamental a interdependência político-econômica.

A discussão do “interesse nacional” está numa situação confusa mesmo para os cientistas políticos, o interesse próprio deve ser esclarecido, mas de acordo a quais critérios?

Quando consideramos determinados interesses como meios, em lugar de fins, nos tornamos mais flexíveis nos casos de conflito, e desta forma, em caso de necessidade, também mais capacitados para negociações e compromissos (KÜNG, 1999, p. 121).

Neste ponto dos interesses nacionais é importante introduzir a ideia da necessidade de assumir a responsabilidade ética por eles. A mentalidade da política externa orientada para o interesse nacional consiste em acentuar mais o “receber” do que o “dar” e pouco tem em conta que assim como os estados possuem interesses, eles também devem ter responsabilidades e deveres.

Küng cita a Richard Falk, cientista político que resumiu sua visão essencial das dez dimensões globais concretas de um governo humanitário: contenção da guerra, abolição da guerra, tornar os indivíduos responsáveis, segurança coletiva, domínio da lei, política revolucionária não-violenta, direitos humanos, responsabilidade pela natureza, cidadania positiva do Estado, democracia cosmopolita. (cf. KÜNG, 1999, p. 124-125).

Por um lado, temos a linha dos políticos realistas, da mera ética dos resultados, para quem o fim político santifica todos os meios, até mesmo imorais. Por outro, a mera ética de intenções dos políticos idealistas, para quem é suficiente uma motivação puramente moral sem preocupar-se com as condições reais do poder, com a viabilidade concreta ou consequências negativas.

O que importa não são apenas os motivos, mas também os resultados, por isso a ética política orientada para a instituição precisa ser completada por uma ética orientada para os resultados. O saldo positivo: o que serve para uma nova ordem mundial é somente uma ética da responsabilidade. Esta pressupõe uma convicção, mas também pergunta realisticamente pelas consequências previsíveis, sobretudo as negativas, de uma determinada política, assumindo também a responsabilidade por elas. A arte da política no paradigma pós-moderno consiste em unir convincentemente o cálculo político (da política realista moderna) com o julgamento ético (da política idealista) (KÜNG, 1999, p. 128).

E não é suficiente, em modo algum, pensar esta responsabilidade só em termos locais, nacionais, hoje tem que se pensar em termos globais, soluções globais são as que se necessitam. Daí que não seja mais possível separar entre política externa e política interna. Já tem

quem fala de política interna mundial, justamente destacando que toda política deve ter entre suas metas interrogar-se pelas condições básicas para a sobrevivência da raça humana numa Terra habitável, sobre como os seres humanos podem dar uma forma mais humana a sua vida social. Dito de outro modo: a meta e o critério da política têm que ser o homem, o ser humano que precisa humanizar-se mais nas relações entre os povos e com a natureza.

Aqui aparece novamente a questão central do pensamento de nosso autor, a pergunta se para a humanidade como um todo é possível uma nova ordem mundial sem uma consciência ética vinculante, consciência ética mundial que nos seus traços fundamentais possa ser assumida pelas diversas religiões e por quem não tem religião.

E outra questão que também aparece é se é possível pôr em prática uma política inspirada na ética.

Segundo Maquiavel, no seu livro “O Príncipe”:

Agir moralmente na medida do possível, e agir imoralmente na medida do necessário! E, de resto, mais parecer do que ser: As pessoas têm que ter a impressão ‘de ele (o Príncipe), à vista e ao ouvido, ser todo piedade, fé, integridade, humanidade, religião’. E acrescenta: As pessoas em geral são ingênuas, julgam mais pelos olhos

e deixam-se enganar, e para isto ele deseja mencionar apenas um exemplo – o Papa e pai de César Bórgia, admirado também por Nietzsche: 'Alexandre VI não pensou e não fez outra coisa senão enganar os homens, tendo sempre encontrado ocasião para assim proceder. Jamais existiu homem que possuísse maior segurança em asseverar, e que afirmasse com juramentos mais solenes o que, depois, não observaria. No entanto, os enganos sempre lhe correram na medida dos seus desejos, pois ele conhecia muito bem este lado da natureza humana (KÜNG, 1999, p. 133-134).

Como acabamos de ver, não é uma pergunta tão simples de responder, o pensamento de Maquiavel não parece tão alheio da realidade que conhecemos da política dos nossos dias. Ou seja, parece que suas ideias não são tão obviamente rejeitadas.

A ética política não quer dizer nenhuma doutrina inflexível que não admite nenhum compromisso, também não quer dizer uma tática mais esperta que para tudo tem uma desculpa. Ética política significa um dever de consciência que não visa o que é abstratamente bom ou correto, mas sim o que concretamente é bom e correto, aquilo que é adequado numa determinada situação.

3.1.4 Economia com responsabilidade

Pela mão de Hans Küng, estamos refletindo sobre o ethos mundial, o desafio de que existam alguns pontos de consenso sobre os quais seria possível se apoiar na busca da construção de um mundo mais humano. Falar de ética, de ethos é falar dos deveres humanos. Até pode chamar a atenção esta expressão, estamos muito mais acostumados a ouvir falar dos direitos humanos, da Declaração dos Direitos Humanos, da defesa dos direitos humanos e assim por diante.

Sem lugar a dúvidas, a obra de Hans Küng teve uma importância significativa para o desenvolvimento dos deveres humanos. Quando sua obra “Projeto *ethos* mundial”, no ano 1990, foi lançada, praticamente nem se falava de ética global. Sem dúvida, ele foi pioneiro e impulsionou essa ideia que teve uma boa acolhida e, em poucos anos após a publicação de seu livro sobre o ethos mundial, já existiam importantes documentos internacionais falando expressamente de deveres humanos.

Em 1995, a Comissão Internacional para Política da Ordem Mundial, elabora o relatório chamado “Nossa vizinhança global”, citando um trecho dessa declaração fica bem claro quanto até agora estamos desenvolvendo:

Vivemos numa época em que a comunidade mundial necessita de coragem para procurar novas ideias, desenvolver novas visões e demonstrar um claro engajamento em favor dos valores comuns na criação de novas regras de organização da vida (THE COMMISSION ON GLOBAL GOVERNANCE apud KÜNG, 1999, p. 382).

O que mais chama a atenção de Küng em relação ao relatório da Comissão é o lugar de destaque dado para a questão dos “valores para a vizinhança no Mundo Unido”, ou seja, um ethos da vizinhança, sem o qual as tensões se multiplicariam e levariam ao fracasso toda tentativa de construção comum.

Isto demonstra que uma ordem política mundial só pode ser construída sobre a base sólida de valores globais, dito de outro modo, está sendo sinalizada a dimensão ética da ordem política mundial. O que se volta desafiador é como ela pode ser concretizada. Seguindo a Declaração, temos os valores básicos como: o respeito à vida, à liberdade, à justiça, respeito mútuo, disponibilidade e integridade, tendo como regra ou princípio e aquele que é reconhecido por todas as religiões no mundo: que as pessoas devem tratar-se umas as outras assim como gostariam de ser tratadas, ou seja, a conhecida Regra Áurea.

Em relação a quem pode pôr em prática esta política de ordem mundial, ainda os Estados nacionais seguem

sendo os protagonistas, mas já existem organizações econômicas globais que assumem funções de ordenação em escala mundial, como, por exemplo, a Organização Internacional do Comércio (OIC), ou o Fundo Monetário Internacional (FMI), ou o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), conhecido como Banco Mundial etc.

Mas, além destas organizações, existe o mundo econômico das empresas multinacionais, o mundo interligado dos meios de comunicação e a imensa rede em crescimento das organizações não-governamentais: ONGs, como representante da sociedade civil internacional, globalmente orientada e com uma visão de cidadania mundial.

Importante aqui a distinção que se faz entre o conceito de desenvolvimento e crescimento econômico, entendendo por desenvolvimento o processo que promove a liberdade efetiva das pessoas que as leva a desejarem aquilo a que elas atribuem valor. Nesta concepção de desenvolvimento, a pobreza surge pela falta de oportunidades para escolher uma vida mais satisfatória e rica em valores, e não somente pela falta dos bens fundamentais e dos serviços indispensáveis. Vemos que esta forma de olhar o desenvolvimento é mais abrangente que o mero crescimento econômico.

Dentro desta concepção, a cultura é entendida como a base comunitária sobre a qual se fundamentam os diversos valores e metas, daí o respeito ao pluralismo, o respeito a todas as culturas. Quando o conceito de desenvolvimento fica identificado com o mero crescimento econômico, a cultura não possui nenhum valor em si mesma, é só apenas um meio para promover e manter o crescimento econômico.

A cultura não pode ser reduzida a uma função auxiliar para promover o crescimento econômico, ela deve pôr sentido em nossa vida.

Perguntas como: Quem somos nós? Qual é o nosso sentido? Como nos relacionamos uns com os outros e com a humanidade? Estão no centro do que chamamos cultura, e já é uma atividade cultural por excelência a busca por um ethos global.

As fontes das quais se nutre um ethos mundial são as grandes tradições culturais, apesar das diferenças entre as culturas, existem alguns temas que aparecem em todas as tradições, são eles os que servem de inspiração na hora de pensar num ethos global.

Os conteúdos que se repetem têm a ver com a ideia da vulnerabilidade do ser humano e do impulso ético ligado a isso, ou seja, procurar minorar o sofrimento e garantir a segurança das pessoas. Outro eixo que aparece

nas grandes tradições do confucionismo, taoísmo, hinduísmo, budismo e zoroastrismo, do judaísmo, cristianismo e islamismo é a Regra Áurea, que aponta para uma igual dignidade moral de todos os seres humanos.

Junto com estes elementos, existem as chamadas cinco colunas éticas procedentes da cultura cívica global que são: os direitos humanos e responsabilidades; democracia e os elementos de uma sociedade civil; proteção das minorias; obrigação de resolver pacificamente os conflitos e de negociações limpas e igual tratamento das gerações (cf. KÜNG, 1999, p. 391-392).

Hans Küng fará a seguinte observação em relação a esta Comissão Mundial que tem trabalhado sobre o ethos global – e que temos recolhido nesta parte de nosso trabalho suas ideias, sugestões e conceitos fundamentais – dirá que deveria ter sido mais enérgica sua fala em relação ao aporte das grandes tradições religiosas e éticas. Ele faz referência ao papel fatídico que representantes de religiões tiveram ao longo da história moderna no que diz respeito à paz, democracia e direitos humanos. Mas isso não deveria escurecer o papel construtivo da religião, como elas conseguem desencadear uma dinâmica para libertar as pessoas dos sistemas totalitários, para proteger a dignidade humana, para fazer valer os direitos humanos e custodiar a paz mundial.

Por três motivos afirma Küng que, no Projeto Ethos Mundial, as religiões deveriam ser incluídas de uma forma construtiva: pela sua inesgotável e indestrutível força espiritual, porque as religiões falam dos deveres elementares das pessoas de uma maneira muito mais concreta (por parábolas, imagens, modelos) e mais vinculante; por último, as grandes figuras das religiões da humanidade manifestaram exemplarmente um ethos em suas vidas: a autoridade espiritual e a força de irradiação de um Buda, de um Confúcio, de um Jesus Cristo ou de um Maomé, não têm comparação com nenhum general, estadista ou filósofo.

Como seria então esse humanismo posto em prática? Pensado no âmbito da economia, assim como já antes vimos o pensamento de nosso autor em relação a este humanismo levado à prática na política. O primeiro imperativo do humanitarismo: que todo ser humano deve ser tratado com humanidade está ligado à Regra Áurea: “O que não quiseses que te façam, não o faças também aos outros!”. A proposta é aplicar esse imperativo na economia!

O compromisso com uma cultura da não-violência, a solidariedade, a tolerância e a igualdade de direitos, estas quatro orientações que o autor propôs para o mundo da política, agora, ele direciona do mesmo modo para os homens e as mulheres da economia.

Nas palavras do autor, isso adquire uma força maior:

... a obrigação à solidariedade e a uma justa ordem econômica. Claramente se toma posição aí não só contra o socialismo do estado totalitário, mas também contra o capitalismo desenfreado, a bem de uma economia de mercado tanto social quanto ecologicamente orientada (KÜNG, 1999, p. 395-396).

Outra afirmação forte é a obrigação de uma ordem econômica justa. Küng faz a observação de que apesar de existir, em todas as religiões, uma forte vivência da solidariedade mútua, da vida do trabalho, isso não evita que exista no mundo de hoje muita fome, pobreza e necessidade. Não bastam iniciativas pessoais, individuais... Existem estruturas sociais injustas, existem sistemas político-econômicos que foram esvaziando e destruindo os valores éticos e espirituais. A corrupção tem crescido como um verdadeiro cancro na sociedade.

As vergonhosas diferenças entre ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres e marginalizados da vida da sociedade, é inevitável que se geste o círculo vicioso da violência, ressentimento e inveja, violência e contraviolência como resposta. É impensável a paz senão existir a justiça.

Para chegar a uma situação onde exista justiça, é necessário a participação de todos os estados. Dito nas

próprias palavras de Hans Küng, temos o seguinte resumo do que seria um programa que concentre esforços para caminharmos nessa direção:

Mas nos países desenvolvidos, de qualquer forma, deve-se distinguir entre um consumo necessário e um consumo desenfreado, entre um uso social e um uso antissocial da propriedade, entre um emprego justificado e um emprego injustificado das reservas naturais, entre uma economia de mercado puramente capitalista e uma economia de mercado orientada para o social e o ecológico. Também os países em desenvolvimento necessitam de um exame de consciência nacional. Isto é válido em toda parte: Onde os dominantes oprimem os dominados, onde as instituições oprimem as pessoas, onde o poder oprime o direito, aí a resistência é indicada – sempre que possível, sem violência (KÜNG, 1999, p. 397-398).

Hoje que a economia é mundial, e não mais eurocêntrica, é quando deve adaptar-se de um modo racional às condições globais e em que é necessário um novo paradigma da ética econômica que reúna em si a racionalidade econômica e a orientação ética básica.

Não vamos a deter-nos na análise que realiza o autor em relação às variáveis e as constantes no mundo da economia, em relação à economia idealista e à economia realista, análise similar ao feito em relação à política.

O sentido da atividade econômica é garantir as bases para a vida do ser humano. Uma atividade econômica responsável, na era pós-moderna, consiste em unir de maneira convincente as estratégias econômicas com o julgamento ético.

Seria o primado da ética em relação à lógica do sistema de economia do mercado, isto vale tanto para quem faz parte de um grande grupo ou de um grupo menor.

Para encerrar esta reflexão sobre a economia com responsabilidade, voltemos ao conceito do que é ser verdadeiramente humano no espírito das grandes tradições éticas e religiosas. Ser verdadeiramente humano significa:

Em vez de abusar do poder econômico e político numa luta sem trégua pela dominação, o poder deve ser usado a serviço das pessoas. Temos que desenvolver um espírito de compaixão com os que sofrem e ter um cuidado especial com os pobres, deficientes, idosos, fugitivos, solitários.

Em vez de uma pura mentalidade de poder e de uma desenfreada política do poder, na inevitável concorrência deve dominar o mútuo respeito, o razoável equilíbrio de interesses, a disposição para o acordo e a consideração.

Em lugar de uma insaciável sede por dinheiro, prestígio e consumo, deve ser reencontrado o sentido para a moderação e a modéstia! Pois a sofreguidão faz o homem

perder sua ‘alma’, sua liberdade, calma, paz interior, e desta forma aquilo que faz dele uma pessoa humana (KÜNG, 1999, p. 398).

4 Leonardo Boff¹⁶ e Hans Küng: uma convergência de olhares

Neste capítulo, queremos fazer uma aproximação entre a reflexão de Hans Küng, que, ao longo de nosso trabalho, fomos recolhendo, e a visão de Leonardo Boff, teólogo brasileiro, que desde outra realidade geopolítica e social, tem um olhar sobre as mesmas questões aborda-

das pelo nosso autor. Nossa pretensão é simplesmente recolher algumas das suas ideias fundamentais com o objetivo de acrescentar, desde nossa realidade latino-americana, elementos importantes para o desafio da construção de um ethos mundial.

4.1 Ethos mundial

No ano 2003, Leonardo Boff publica um livro intitulado: “Ethos Mundial” tendo como subtítulo: Um consenso entre os humanos.

Talvez o aporte mais significativo de Boff seja o lugar desde onde ele faz sua reflexão. De fato, ele reconhe-

¹⁶ Boff, Leonardo (1938 -) – Teólogo católico brasileiro. Neto de italianos que migraram para o sul do Brasil no final do século 19, Leonardo Boff, garoto ainda, com apenas 11 anos, partiu de sua cidade natal, Concórdia, com destino ao seminário de Luzerna, no Vale do Rio do Peixe (SC), certo de que o seu futuro era o da fé. Fez estudos avançados em universidades de prestígio, como Wurzburgo, Lovaina e Oxford, doutorando-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique, Alemanha, em 1970. Ficou conhecido pelos seus trabalhos sobre a Teoria da Libertação, acreditando ser impossível desvincular a libertação pela fé da política. No livro *Jesus Cristo Libertador* (1972), um dos primeiros grandes estudos feito a partir da Teoria da Libertação, concorda com a ideia de que as teorias marxistas tiveram relevância no atraso das sociedades de Terceiro Mundo. Seus textos serviram de base para novas gerações de teólogos latino-americanos. Mas ao combinar a Bíblia com a política, desagradou as autoridades eclesiais. Em 1984, como punição pelo livro *Igreja, Carisma e Poder* (1981), no qual chega a criticar a própria estrutura da Igreja, foi chamado a dar explicações ao Vaticano, sendo condenado a um “silêncio obsequioso” por um ano, sendo proibido de se manifestar publicamente. Em 1992, ao ser condenado novamente, o teólogo, batizado com o nome de Genézio Darci Boff, resolveu deixar a Ordem dos Frades Menores (os franciscanos), na qual ingressara em 1959, e pedir a dispensa do sacerdócio (foi ordenado padre em 1964). Atualmente, além de um grande teórico da fé, destaca-se como um idealista: cria e assessora Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), para as quais prega a luta por uma sociedade mais justa e humana, na qual os pobres não devem simplesmente aceitar a condição de miséria como algo natural, mas agir em favor da justiça social. Professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, publicou mais de 70 livros. Disponível em: http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_109.html. Acesso em 14 de junho de 2008.

ce a extrema complexidade do tema e de encontrar um denominador mínimo que permita a convergência na diversidade, como garantir um consenso mínimo entre todos para conviver em paz e solidariedade. É preciso fazer estas perguntas desde nosso lugar social, onde estão os excluídos e destituídos da história. Daí que ele afirmará que uma ética planetária que não enfrenta a injustiça social mundial e a alarmante injustiça ecológica não merece o nome de ética planetária. Daí que o texto “Ethos Mundial” justamente contenha uma pretensão libertária. Com as próprias palavras de Boff: “O *Ethos*, traduzido em cuidado, cooperação, co-responsabilidade, compaixão e reverência, salvará, ainda uma vez, a humanidade, a vida e a Terra.” (2003, p. 10).

Para Boff, a causa principal da crise social se deve à forma como as sociedades modernas se organizam no acesso, produção e distribuição dos bens da natureza e da cultura, que é uma forma profundamente desigual. E a raiz do alarme ecológico reside no tipo de relação que os humanos estabeleceram com a Terra e seus recursos: relação de domínio, de não reconhecimento de sua alteridade, de falta de cuidado e respeito. Privilegiando a vontade de poder e de estar sobre a natureza, e não junto dela, perdendo a consciência de uma grande comunida-

de biótica, terrenal e cósmica na qual o ser humano se encontra inserido juntamente com os demais seres.

Importa, entretanto, reconhecer que o projeto da tecnologia trouxe incontáveis comodidades para a existência humana. [...] Universalizou formas de melhoria de vida (na saúde, na habitação, no transporte, na comunicação etc.) como jamais antes na história humana. Desempenhou, portanto, uma função libertadora inestimável. Hoje, entretanto, a continuação desse tipo de apropriação utilitarista e antiecológica poderá alcançar limites intransponíveis e daí desastrosos. Atualmente, para conservar o patrimônio natural e cultural acumulados, devemos mudar. Se não mudarmos de paradigma civilizatório, se não reinventarmos relações mais benévolas e sinérgicas com a natureza e de maior colaboração entre os vários povos, culturas e religiões, dificilmente conservaremos a sustentabilidade necessária para realizar o projeto humano, aberto para o futuro e para o infinito. Para resolver esses três problemas globais – crise social, crise do sistema de trabalho e crise ecológica – dever-se-ia, na verdade, fazer uma revolução também global. [...] Partimos da hipótese de que essa base deve ser ética, de uma ética mínima, a partir da qual se abririam possibilidades de solução e salvação da Terra, da humanidade e dos desempregados estruturais. [...] Urge uma revolução ética mundial (BOFF, 2003, p. 15-16).

Uma nova ética nasce de uma nova ótica, diz este autor, e essa nova ótica se consegue mergulhando na experiência do Ser, onde se percebe a profunda ligação de todo e ao mesmo tempo como todo está religado à Fonte originária. Estas ideias mostram que ao falar de ética, de ethos mundial, entram dimensões humanas antropológicas mais profundas. Não estamos falando somente de questões de razão, onde os seres humanos, utilizando seu bom senso, sua capacidade racional fazem acordos, senão que entram dimensões mais profundas, afetivas, espirituais, dimensões que tem a ver com o ser.

Por outro lado, essa nova ordem ética deve encontrar outra centralidade.

A ética da sociedade hoje dominante é utilitarista e antropocêntrica. O ser humano é o centro e estima que tudo se ordena a ele. Considera-se senhor e patrão da natureza, que está aí para satisfazer suas necessidades e realizar seus desejos. Tal postura de base leva à violência e à dominação dos outros e da natureza. Nega a subjetividade de outros povos, a justiça às classes e o valor intrínseco dos demais seres da natureza. Não percebe os direitos dos outros e menos ainda que esses direitos não se aplicam apenas ao ser humano e aos povos, mas também aos demais seres da criação. Há um direito humano e social como há um direito ecológico e cósmico. Não te-

mos direito de destruir o que nós mesmos não criamos. A nova ordem ética deve encontrar outra centralidade. Deve ser ecocêntrica, deve visar o equilíbrio da comunidade terrestre. Uma tarefa fundamental consiste em refazer a aliança destruída entre o ser humano e a natureza e a aliança entre as pessoas e povos para que sejam aliados uns dos outros em fraternidade, justiça e solidariedade. O fruto disso é a paz. E a paz significa a harmonia do movimento e o pleno desabrochar da vida (cf. BOFF, 1993, p. 33-34).

Algumas linhas acima, destacamos que, quando se faz referência ao ethos mundial, entram em jogo elementos antropológicos e não somente acordos racionais. Daí o papel fundamental das tradições culturais e religiosas na hora de aportar para a elaboração das bases dessa ética comum para todos. Quando pensamos em uma ética ecológica, são importantes certas tradições culturais como o budismo e o hinduísmo, no Oriente, São Francisco de Assis, Shopenhauer, Albert Schweitzer e Chico Mendes, no Ocidente, todos eles desenvolveram uma ética da compaixão universal, segundo Boff. Uma ética ecológica intenciona a harmonia, o respeito e a veneração entre todos os seres, e não a vantagem do ser humano. Tudo o que existe merece existir e coexistir pacificamente. O princípio norteador desta ética é: “bom é tudo

o que conserva e promove todos os seres, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos; mau é tudo o que prejudica, diminui e faz desaparecer os seres”. Ética significa a “ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive”.

O bem supremo reside na integridade da comunidade terrestre e cósmica. Ela não se resume ao bem comum humano. Ela inclui o bem da natureza. E como a natureza está envolvida numa teia universal de relações (energias universais da micro e da macrorrealidade), o bem comum será também cósmico. Não estamos apenas diante de uma só Terra. Mas de um só cosmos, com todos os seus corpos, partículas e energias, constituindo uma única comunidade interdependente.

Assim, é nesse nível da ética que se revela a singularidade deste ser da natureza que é a mulher e o homem.

E dentro desse conjunto, como um ser mais que participa é que o ser humano e só ele na criação se constitui num ser ético. Isto significa: só ele se faz responsável, só ele dá uma res-posta (de onde vem responsabilidade) à pro-posta que vem da criação, pois ser humano e criação se encontram frente a frente. Este cara a cara pode traduzir-se numa acolhida ou numa rejeição. Pode surgir uma aliança e podem fazer-se aliados de um projeto comunitário de subsistência e vida.

Talvez aqui está o papel especial do ser humano já que só ele pode pesar os prós e os contras, entender a posição do outro, assumir o lugar dele e entender os seus legítimos interesses; só ele pode sacrificar-se por amor ao outro, defendê-lo, oferecer-lhe o ombro, mesmo que isso possa significar renúncia e até prejuízo pessoal. Mas também só ele pode dizimar, destruir e pôr em perigo todo o sistema planetário.

Como ser ético, ele se faz sujeito da história; pode realizar-se ou frustrar-se; só ele pode ser trágico ou feliz. E junto com ele, pode carregar o destino do Sistema Terra.

O ser humano vive eticamente quando renuncia estar sobre os outros para estar junto com os outros. Quando se faz capaz de entender as exigências do equilíbrio ecológico, dos seres humanos com a natureza e dos seres humanos com os outros seres humanos, e quando, em nome do equilíbrio, impõe limites a seus próprios desejos. Ele não é apenas um ser de desejos. Somente o desejo torna-o egoísta ou mimético. Ele é muito mais, pois é também um ser de solidariedade e de comunhão. Quando assume a função/vocação de administrador responsável, de anjo da guarda e de zelador da criação, então ele vive a dimensão ética inscrita em seu ser.

Como se depreende, pelo caminho de uma ética ecológica, fundada no respeito à alteridade, na acolhida das

diferenças, na solidariedade e na potenciação da singularidade, deixa-se para trás o paradigma utilitário dominante que tantas ameaças traz à vida e à paz entre os seres da natureza. Esse caminho nos conduz a uma etapa mais alta da reflexão e do compromisso (BOFF, 1993, p. 36).

Boa parte do texto “Ethos Mundial”, Boff dedica para fazer uma análise das diferentes “argumentações éticas” e como, a partir de cada uma delas, poder fazer uma universalização do discurso ético que tente dar resposta às três questões globais: a social, a do desemprego estrutural e a ecológica. Ele considera que atualmente seis são as principais formas de argumentação que oferecem uma eventual base para uma ética planetária: o utilitarismo social; as éticas do discurso comunicativo e da justiça; a ética baseada na natureza; a ética enraizada nas tradições religiosas da humanidade; a ética fundada no pobre e no excluído; a ética fundada na dignidade da Terra.

Não pretendemos aqui desenvolver estes assuntos, senão simplesmente sinalizá-los como parte da obra de Boff e que tem a ver com o assunto central de nosso estudo, mas que, por razões de tempo e abrangência, não vemos oportuno determo-nos, assim como também não podíamos deixar de citá-los.

Quando Boff faz referência à Ética Mundial fundada nas tradições religiosas, cita a contribuição de Hans Küng, sendo ele nosso autor principal onde focamos este trabalho, não podemos passar sem recolher as apreciações de Boff sobre o aporte de Küng para o ethos mundial.

Boff considera Hans Küng como o promotor mais proeminente da reflexão sobre a urgência de um consenso ético mínimo, para uma sociedade mundial, para uma política e economia mundial.

A contribuição de Hans Küng tem sido inestimável e, no conjunto das propostas mundiais, é uma das mais sensatas e factíveis. Como se depreende, essa ética cria a atmosfera adequada para balancearmos os três problemas globais que colocamos como os desafios emblemáticos para um consenso mínimo: o social, o ecológico e o do trabalho. Essa proposta cria a sensibilidade para colocar no centro das atenções humanas tais questões, e não como se fez hoje em dia na globalização econômico-financeira, na qual a centralidade é ocupada pela economia, pelas taxas de juros, pelos níveis de inflação, pelos índices de crescimento material e pelas oscilações das bolsas de valores (BOFF, 2003, p. 64).

E agora, para concluir esta primeira parte do ethos mundial segundo Boff, uma palavra acerca da ética fun-

dada no Pobre e no Excluído, que hoje são grandes porções da humanidade que se encontram nessa situação. Para Boff, o manifesto Comunista de 1848 e a teologia da libertação do Terceiro Mundo constituem monumentos éticos de primeira grandeza, originados pelo protesto contra a miséria e pela solidariedade para com os miseráveis. O pobre não como categoria econômica, senão aquele que constitui uma grandeza antropológica: ele tem um rosto, que se desvela irredutível e provocador. Ele grita: “Socorro!” Escutar a voz do outro é mostrar consciência ética. Segundo Enrique Dussel¹⁷: “A consciência não é tanto um aplicar os princípios ao caso concreto, mas um ouvir, um escutar a voz que interpela a partir da exterioridade, do além do horizonte do sistema [...]” (DUSSEL, apud BOFF, 2003, p. 67).

4.2 Ética do cuidado

Quase todos os sistemas éticos elaborados no Ocidente pagam um pesado tributo ao logocentrismo, o *logos* grego e o *cogito* cartesiano que se encontram nos fundamentos da nossa cultura. Isto a pesar que a evolução do pensamento filosófico e o próprio processo histórico

vieram a mostrar que a razão não explica nem abarca tudo.

A experiência-base da vida humana é o sentimento, o afeto e o cuidado. Não é justamente o *logos* senão o *pathos*. *Pathos* é a capacidade de sentir, de ser afetado e de afetar.

A primeira relação é sem distância, de profunda passividade ativa: sentir o mundo, os outros e o eu como uma totalidade una e complexa, dentro do mundo, como parte dele e, todavia, vis-à-vis com ele, como distinto para vê-lo, pensá-lo e moldá-lo. Fundamentalmente, é um estar *com* e não *sobre* as coisas, é um con-viver dentro de uma totalidade ainda não diferenciada (BOFF, 2003, p. 80).

O *pathos* não se opõe ao *logos*, o sentimento é uma forma de conhecimento, de uma natureza diversa, engloba a razão, mas a transborda por todos os lados. Hoje se fala da inteligência emocional, onde se considera o sentimento e a afetividade (*pathos*) uma dimensão básica do ser humano, primeiro sente o coração, somente após reage o pensamento. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*.

¹⁷ Enrique Dussel (nascido em 1934), teólogo, filósofo e historiador argentino, que vive atualmente no México. Ele faz uma desconstrução dos discursos éticos vigentes.

Tradução de Haroldo Reimer. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

O conhecimento pelo *pathos* se dá num processo de *simpathia*, ou seja, de identificação com o real, sofrendo e se alegrando com ele e participando de seu destino. O homem arcaico vivia uma união mística com todas as realidades, tinha uma união umbilical que o ligava a tudo, tinha um sentimento de pertença e parentesco universal, pelo qual um respeito e veneração para com todos os elementos, para com a Terra como a Grande Mãe.

Com a modernidade e a primazia da razão, isso ficou obscurecido, e é uma procura da nossa época recuperar esse acordo perdido.

Ainda recuperando essa dimensão, já seria um grande passo, não seria suficiente. O importante é transformar esse *pathos* num projeto histórico que englobe a tradição do logos, para salvar a humanidade e a Terra.

Da combinação de cabeça e coração, logos e *pathos* de mãos dadas, nascerá o cuidado.

Nas palavras de Boff, o ser humano é fundamentalmente um ser de cuidado mais que um ser de razão e de vontade. E a forma como ele define o cuidado: é uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para seu desenvolvimento (2003, p. 82).

Podemos constatar que, em tudo, os humanos colocam e devem colocar cuidado: na vida, no corpo, no espírito, na natureza, na saúde, na pessoa amada, em quem sofre e na casa. Sem cuidado, a vida perece.

Talvez aí radique a base de uma ética do cuidado, já que o cuidado parece ser uma dimensão essencial do ser humano à qual está intimamente ligada a vida.

A ética do cuidado é seguramente a mais imperativa nos dias atuais, dado o nível de descuido e desleixo que paira como uma ameaça sobre a biosfera e o destino humano, objeto de crescentes alarmes dos grandes organismos ecológicos mundiais (BOFF, 2003, p. 82-83).

O cuidado provoca preocupação e faz surgir o sentimento de responsabilidade, o cuidado fundamenta a primeira atitude ética fundamental capaz de salvaguardar a Terra como sistema vivo e complexo, proteger a vida, garantir os direitos dos seres humanos e de todas as criaturas, a solidariedade, a compaixão e o amor.

Boff chega a afirmar o seguinte: que o futuro do planeta e da espécie *homo sapiens/demens* depende do nível de cuidado que a cultura e todas as pessoas tiverem desenvolvido (2003, p. 86).

Leonardo Boff dedica uma obra inteira para tratar este tema do cuidado: “Saber cuidar”, livro publicado em 1999, onde faz um estudo detalhado e profundo do cuida-

do desde distintos pontos de vista. Aí mostra a ligação profunda dessa dimensão profundamente humana com a possibilidade de uma construção de uma ética planetária.

Desenvolve termos análogos como a ternura vital, a carícia essencial, a cordialidade fundamental, que são qualidades existenciais, ou seja, formas de estruturação do ser humano naquilo que o faz humano. Ele chama o cuidado de artesanão da nossa humanidade. (cf. BOFF, 1999, p. 118-121).

Vale a pena escutar com a força como Boff descreve esta realidade humana quando diz: “O cuidado imprimiu sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado, o humano se faria inumano (1999, p. 190).

Hoje assistimos à crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado por toda parte. A má qualidade de vida, a penalização da maioria empobrecida da humanidade, a degradação ecológica e a exaltação exacerbada da violência. Hoje mais que nunca o clamor porque essa dimensão humana acorde novamente com força em nós, em nossos povos, em nosso mundo... em nós seres humanos...

Concluimos este capítulo fazendo nossos os próprios desejos e súplicas de Leonardo Boff:

Que o cuidado aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações! O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos (BOFF, 1999, p. 191).

Conclusão

A humanidade pós-moderna necessita de valores, objetivos, ideais e uniões comuns.
(KÜNG, 2001, p. 58)

Na conclusão, queremos destacar o que foi o fulcro desse estudo, os conceitos norteadores em que Hans Küng se baseou para fazer a tessitura da proposta de um Ethos Mundial como uma possibilidade de um conviver em sociedade.

Os impactos que sua obra ocasionou, acarretando, inclusive a perda da “licência docendi” não fizeram arrefecer suas convicções. Pelo contrário, agiram como um estímulo e ao mesmo tempo, um desafio para que continuasse aprofundando seus estudos e suas reflexões.

Vemos isso traduzido e concretizado nos conceitos norteadores. Eles representam a síntese dessa jornada.

Ao eleger:

- ▶ Ethos e Consenso Ético – o faz considerando a diversidade de culturas, religiões, sociedade. Não há como considerar essas questões centrais na busca de um “ethos” que possa expressar essa gama de diversidades e que possa ter uma representação simbólica, suficientemente forte, que coloque “o direito fundamental à vida, ao justo tratamento, à integridade corporal e psíquica como sendo o fim para o qual o ser humano deve voltar-se cotidianamente.
- ▶ Paz: o autor chama a atenção para o papel fundamental das religiões na medida em que as religiões contribuem na dimensão de profundidade, não raras vezes, no protagonismo de conflitos. Isso podemos atestar pelas ações que conduzem à guerra onde o fundamentalismo se faz presente.
- ▶ Política com responsabilidade: o esforço de Hans Küng no sentido de demonstrar a necessidade de que se retome a política enquanto uma prática ética. Essa prática vai se refletir entre outras coisas na economia e está ligada intimamente ao desejo de poder, de domínio, de mando por parte daquelas nações que adotam uma ética de resultados, tão somente.

- ▶ Economia com responsabilidade – onde a busca de um mundo mais humano, em que princípios fundamentais para um viver com dignidade deveriam ser respeitados.

Observa-se, portanto, que há um encadeamento entre os quatro conceitos norteadores onde ao falar sobre um, não há a possibilidade de excluir os demais. Poderíamos, afirmar que temos apenas uma divisão didática formal, pois esses conceitos formam uma unicidade.

Ao finalizar, desejo expressar que muitas são as dádivas de um período de estudos acerca de uma problemática específica. Não dá para concluir uma experiência de estudos sem registrar positivamente a satisfação de trilhar o mundo das letras com o objetivo de compor um texto. Porém a expectativa não cessa, pois, com a dedicação dispensada nos estudos, também se aprende e se adquire o prazer por cultivá-los mais ainda. O maior ganho é a consciência da possibilidade infinita de sermos melhores na produção dos próximos textos.

Ao iniciar a Teologia, não imaginava o quanto este assunto escolhido “Hans Küng e sua obra” teria interesse para mim e como possibilitaria um retorno ao mundo científico do Direito, após tantos anos envolvida na experiência pastoral.

Referências

BOFF, LEONARDO. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

_____. *Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Saber cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

DERWAHL, Freddy. *Der mit dem Fahrrad und der mit dem Alfa kam*. München: Pattloch Verlag GmbH & Co, 2006.

KUNG, HANS. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Tradução de Haroldo Reimer. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Tradução de Haroldo Reimer. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Teologia a Caminho: Fundamentação para o dialogo ecumênico*. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Uma Ética Mundial e Responsabilidades Globais: duas declarações*. Tradução de Milton Mota e Paulo Soethe. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Uma Ética Global para a Política e a Economia Mundiais*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*. München: Piper Verlag GmbH, 1998.

_____. *O principio de todas as coisas*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Igreja Católica*. Tradução de Adalgiza Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. *O que deve permanecer na Igreja*. Tradução de Orlando do Reis. Petrópolis: Vozes, 1976

_____. *Libertad Conquistada*. Tradução de Daniel Romero. Madri: Trotta, 2004. (emprestado do Frei Susin)

_____. *Freud e a questão da Religião*. Tradução de Carlos Alberto Almeida. Campinas: Verus Editora, 2006

_____. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Campinas: Editora Verus, 2004.



Águeda Bichels é bacharel e licenciada em Direito pela PUCRS e Teologia pela UNILASALLE, especialista, pela UNISINOS, em Metodologia do Ensino Universitário e Filosofia da Linguagem e Teoria do Conhecimento. Trabalhou na Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul-AJURIS, e no Tribunal de Justiça do Acre. Foi assessora da Pastoral Universitária da UNISINOS, integrando, também, a equipe de Pastoral da Universidade. Assessorou a Conferência Regional dos Bispos do Brasil-sul 3, no período 93/98, quando assumiu a Assessoria Nacional da Pastoral Universitária da CNBB, em Brasília, no período de 98/2000. Integrou a equipe de trabalho do Instituto Humanitas Unisinos – IHU de 2000 a 2006. É professora da faculdade de Direito da Unisinos. Integra o grupo de pesquisa JUSNANO. Co-organizou os livros: *Pastoral da Universidade e Universidade em Pastoral: Um novo Paradigma*. Curitiba: Champagnat, 2005 e *Palavras aos antigos alunos: reflexões do ser no agir*. Porto Alegre: Renascença, 2007.